
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

AS FONTES PRIMÁRIAS E A PRODUÇÃO DE OBRAS LITERÁRIAS: A CORRESPONDÊNCIA DAS COLUNAS “DA CAPITAL” E “DO CEARÁ” PARA A PROVÍNCIA DO PARÁ

Germana Araujo Sales¹ (UFPA/CNPq)
e Sara Vasconcelos Ferreira² (SEDUC-PA)

RESUMO: O estudo em fontes primárias tem desvelado importantes informações a respeito da circulação e recepção de obras literárias nas províncias, além do intenso fluxo existente entre as capitais, a fim de debater e divulgar tais produções. Nessa perspectiva, retoma-se a análise das correspondências oriundas do Estado do Ceará, especialmente dos integrantes da agremiação literária Padaria Espiritual, para o jornal *A Província do Pará* durante os anos finais do século XIX. Sob os títulos “Da Capital” e “Do Ceará”, escritores como Antônio Sales e Sabino Batista discorreram a respeito de romances, contos e obras de poesia saídas à luz no Ceará e no Rio de Janeiro. O esforço entre os editores dos jornais de cidades distantes da capital do Brasil revela a existência de uma vida cultural e intelectual intensa; no entanto, ainda que tenha havido empenho, muitas dessas produções foram apagadas ou silenciadas ao longo dos anos e não são abrangidas pelo cânone literário. Diante disso, ao reaver as páginas do periódico *A Província do Pará*, reforça-se a influência e a importância dessas fontes na recuperação dessas informações e na recepção de tais obras literárias.

PALAVRAS-CHAVE: fontes primárias; recepção; *A Província do Pará*.

PRIMARY SOURCES AND THE PRODUCTION OF LITERARY WORKS: THE CORRESPONDENCE OF THE COLUMNS “DA CAPITAL” AND “DO CEARÁ” TO A PROVÍNCIA DO PARÁ

ABSTRACT: The examination of primary sources has unveiled significant insights concerning the dissemination and reception of literary works in regional areas, alongside the robust exchange among the urban centers of Fortaleza, Belém, and Rio de Janeiro, aimed at discussing and promoting these literary endeavors. Within this framework, we scrutinize correspondence originating from the State of Ceará, particularly from members of the literary association Padaria Espiritual, addressed to the newspaper *A Província do Pará* during the late 19th century. Through sections entitled “Da Capital” and “Do Ceará,” writers like Antônio Sales and Sabino Batista engaged in discussions concerning novels, short

1 gmaa.sales@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-2120-7364>

2 saravasc28@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-9149-4434>



stories, and poetry works published in Fortaleza and Rio de Janeiro. The collaborative effort among newspaper editors in cities distant from the Brazilian capital unveils the presence of a vibrant cultural and intellectual milieu. However, despite these endeavors, many of these literary productions have been relegated to obscurity or suppressed over time, absent from the literary canon. In light of this, the retrieval of *A Província do Pará*'s pages underscores the influence and significance of these sources in reclaiming such historical information and understanding the reception of these literary works.

KEYWORDS: primary sources; reception; *A Província do Pará*.

Recebido em 15 de novembro de 2023. Aprovado em 26 de março de 2024.

1. O JORNAL COMO FONTE PRIMÁRIA

Todos os dias pela manhã, enquanto tomo café e disponho-me a transpor uma distância enorme, da travessa da Glória à travessa de São Matheus, passa-me pela porta um menino, de barretins cor de telha e bolsa a tiracolo, apregoando um jornal – o Diário de Notícias.
(*A Pacotilha*, São Luís, 1881)

O estudo em fontes primárias é fundamental para a recuperação de elementos a respeito da circulação, produção e divulgação de literatura. A leitura e exame dessas fontes trazem as informações negligenciadas pela história oficial, principalmente quando analisamos as histórias literárias e constatamos que as obras canonizadas não abrangem o processo de produção e de formação literária e cultural de uma sociedade.

Dessa forma, ao estudar em fontes dessa natureza é preciso levar em conta as questões sociais, o contexto de produção e a história social na qual elas estão inscritas, pois “em um trabalho de pesquisa literária, as fontes primárias, além de sua primeiridade, devem ser levadas em conta como uma corrente de dados, de elos associativos, dispersando-se não apenas linearmente, mas como constelações que se movem no tempo-espaço” (Bordini 2004: 203).

Outro destaque é a necessidade de observação mais ampla de uma produção em um jornal, por exemplo, a compreensão das relações sociais do objeto, o fluxo das ideias com outros periódicos, as ideologias a que ele se filiava e as posturas de defesas de princípios que permitem ter uma visão mais abrangente dos dados analisados. Por esta razão, conhecer o jornal em sua completude, conhecer seu posicionamento político, social e cultural é o primeiro passo para compreendermos o contexto da produção ali exposta, pois são essas ideologias defendidas pelo suporte que irão pautar a produção literária ali divulgada, uma vez que “o jornal era instrumento de controle social e por isso se desconfiava da sua isenção, instrumento das classes dominantes e por isso dependente, e de veracidade duvidosa tanto em relação ao seu conteúdo quanto a sua objetividade (Barbosa 2007: 24).

Neste ensaio temos como objetivo apresentar a correspondência recebida pelo periódico *A Província do Pará* enviada por dois jornais que circularam distantes do

movimento intelectual da Corte, mas que demonstram um intenso movimento intelectual existente entre as províncias brasileiras.

Aqui, abordaremos *A Província do Pará*, cuja trajetória editorial iniciou em 25 de março de 1876, com o empreendimento do Dr. Joaquim José de Assis, encetada no momento em que a imprensa no Pará estava consolidada e no auge da circulação de literatura em jornais. De acordo com o historiador de *A Província do Pará*, Carlos Rocque (1976), quando o jornal começou a circular ainda estávamos no período imperial e a data escolhida para a estreia não foi por acaso, o dia 25 de março, quando “comemorava-se o 52º aniversário do juramento da Constituição Política do Império” (Rocque 1976: 18-19) e em Belém havia muitos festejos alusivos a essa data. Além disso, no dia seguinte, a princesa Isabel assumia o trono pela segunda vez em lugar do seu pai, o Imperador D. Pedro II. Esses fatos foram relevantes para a seleção da data inaugural, uma vez que o jornal fora erguido sob a égide do Partido Liberal e o editorial de estreia afirmava que “tinha sido escolhido aquele dia para encetar a publicação da folha para vê-la ligada a uma recordação patriótica” e também política (Rocque 1976: 19).

Nesse período, a literatura brasileira estava consolidada e obras de autores conhecidos até à atualidade circulavam, como *Helena* (1876), de Machado de Assis; *A Baronesa do amor* (1876), de Joaquim Manuel de Macedo e *Padre Belchior Pontes* (1876), de Júlio Ribeiro. Na vertente da crítica literária, a década de 1870 foi um momento importante para a literatura brasileira. Havia debates a respeito da necessidade de um posicionamento mais abalizado e o modelo elogioso, baseado em apreciações sem a análise técnica das produções, começou a perder espaço, ainda que algumas características persistissem, sobretudo pela quantidade de críticas *tout a court* (Souza 2013: 15) divulgadas nos jornais. Roberto Acízelo de Souza considera que a metacrítica, isto é, a crítica moderna, de tom mais sóbrio e analítico, não foi uma reconfiguração radical, mas que “a ideia de crítica forjada pela geração de 1870 alcançou o século XX” (Souza 2013: 23). Com os trabalhos de Silvio Romero, Medeiros e Albuquerque, Araripe Junior, Tobias Barreto e José Veríssimo – a Geração de 70 – a crítica literária brasileira alcança seu engrandecimento. Luciana Stegagno-Picchio considera que a grande tríade da crítica é composta por Silvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo, que, embebidos da cultura europeia “positivista e evolucionista, curiosa de sociedade e de folclore”, buscava estabelecer as relações da vida intelectual com a política, social e econômica do país (2004: 261). Tais nomes da crítica literária brasileira se tornaram recorrentes nas leituras diárias da província, em meio ao desenvolvimento cultural e intelectual pelo qual Belém passava.

No Pará, vieram as transformações na cidade, com a fundação da Biblioteca do Grêmio Literário Português, em 1867, e a construção do Teatro da Paz, em 1878, símbolos de uma efervescência cultural, juntamente com o progresso da imprensa, conforme Aldrin de Figueiredo: “o desenvolvimento e a ampliação do mercado da imprensa modificaram inteiramente o processo de circulação dos jornais no Pará, especialmente a partir da década de 1870”. A leitura de jornais não estava restrita a pequenos círculos e “os redatores e tipógrafos viram o consumo das gazetas se estenderem a

novas camadas sociais no âmbito dos pequenos comerciantes e, logo em seguida, a uma apreciável parcela do povo das cidades – fosse na capital Belém ou em cidades do interior” (Figueiredo 2005: 248).

Na ocasião, *A Província* tinha correspondentes em outros locais do Brasil como: *O Apóstolo* (1866-1901), *Diário de Pernambuco* (1825-), *Diário de Notícias* (1885-1895), *O País* (1884-1934) e jornais nordestinos, além de publicar no sumário a apresentação dessas folhas, como também reproduzia publicações do *Jornal do Comércio* (1827-).

Nas relações entre *A Província* e demais órgãos da imprensa, identificamos artigos enviados exclusivamente para o jornal paraense, confirmando uma integração a partir da última década do século XIX, favorecendo a literatura produzida na região do Extremo Norte. Entre 1876 e 1900, foi possível identificar um intenso fluxo de ideias entre os Estados do Pará com o Ceará, Amazonas, Maranhão, São Paulo e a Capital Federal – Rio de Janeiro. No entanto, foi na década final do século XIX que se verificou uma relação de proximidade entre os Estados, especialmente do Ceará, e a Capital Federal, em que *A Província do Pará* mantinha contato direto com os colaboradores e reproduziu diversos artigos em suas páginas; entretanto, os que se destacam são os chamados “Originais”, produzidos especificamente para publicação no diário paraense, cujos colaboradores escreviam constantemente de diversos Estados, como Amazonas e Ceará, e, também, da Capital Federal. Sendo assim, nomes como os de Araripe Júnior (1848-1911), Antônio Sales (1868-1940), Arthur Teófilo (1871-1899) e Sabino Batista (1869-1899) são recorrentes na folha paraense e corroboram com a afirmativa da existência de um intenso movimento cultural no final do Oitocentos.

Na coluna “Da Capital” eram recebidas as produções oriundas do Rio de Janeiro e, mais especificamente, escritos subscritos por Antônio Sales, ou seu pseudônimo Saltônio. “Do Ceará” vieram artigos do Ceará, assinados por Sabino Batista, ou seu pseudônimo Sabas. A parceria durou dois anos e nesse cenário se intensificaram os diálogos a respeito da produção literária nas regiões Nordeste e o Norte, importantes para ilustrar o debate em torno da historiografia literária brasileira consolidada a partir de posições mais conservadoras, atentas somente a uma vertente de produção e pouco afeitas à inclusão de outros centros que não fossem a capital do Império e, logo mais, da República.

2. DA CAPITAL: AS CARTAS DE ANTÔNIO SALES

Se alguma coisa pode haver, atualmente, que estabeleça a nossa diferenciação literária e desenhe tanto ou quanto o nosso cunho nacional, é o gênero sertanejo, veio copioso, campo vasto, onde há muito a respingar, e que pouco explorado foi por Alencar, Bernardo Guimarães, Franklin Távora, Araripe Junior, etc.
(Urbano Duarte, *Gazeta Literária*, 1884)

Nos anos de 1897 a 1898 Antônio Sales era correspondente da *Província do Pará* no Rio de Janeiro, no entanto, em virtude do fervor na imprensa periódica devido à

guerra em Canudos (1896-1897), os artigos se voltavam mais especificamente para as questões do conflito ou para os temas políticos em voga. Sob o título de “Original para *A Província do Pará*” apareceram os artigos tematizando as novidades literárias, as artes visuais e o teatro. Quanto à literatura, Antônio Sales manifestou sua insatisfação diante à inércia dos leitores:

Já passou à categoria de chavão a afirmativa de que não há vida literária em nosso país; os sintomas de que podem apresentar como desmedido a essa triste e cediça verdade são todos aparentes, puramente fictícios.

Aquela fase de copiosa publicidade em que figuraram Afonso Celso, Valentim Magalhães, Figueiredo Pimentel, Carlos de Laet, Adolfo Caminha, Araripe Junior, Coelho Netto e muitos outros, inclusive o almirante Custódio, não passou de uma espécie de encilhamento literário, que em nada concorreu para a consolidação da intelectualidade nacional e, como o *encilhamento* financeiro, deu lugar a muitas ruínas pecuniárias. (Sales 16 abr. 1897: 1)

A queixa do escritor era quanto ao mercado editorial e, para ele, o mercantilismo e a política tomavam a atenção da sociedade, levando em conta a dedicação dos leitores ao jornal, sobretudo porque se esquivavam a comprar livros por considerá-lo uma despesa fluida. Antônio Sales referre-se a uma crise e elenca nomes importantes da nossa história literária, entre os mais conservadores aos naturalistas, para lamentar acerca da complexa relação entre o escritor, o mercado e o leitor, uma vez que o trabalho intelectual estava restrito a pequenos círculos e à vida literária reclusa em ambientes cingidos, como a imprensa:

O que predomina no povo é o gosto pelas coisas vistosas e sarapintadas, com desregramento de traços e empastamento de tintas, o que dá em resultado a nossa quase nenhuma aptidão para as artes plásticas. As galerias da Escola Nacional de Belas Artes dão atestado da pobreza do Brasil em pintores quanto a escultores, pois na seção de escultura daquele estabelecimento só se encontram trabalhos de um único artista Rodolfo Bernardelli, e esse mesmo descendente de imediato de italianos. A música, como arte mais simples e mais emotiva, vai tendo um cultivo mais animador e já conta vultos de primeira grandeza em sua história de um passado relativamente remoto.

Nas artes do pensamento, na literatura em suas várias manifestações, gozamos felizmente de uma abundância que nos devemos envaidecer com justa razão. Diz Silvio Romero que o trabalho intelectual no Brasil é um martírio, por isto produzimos pouco; cansamos [...] e morremos cedo. A despeito da [...] veracidade destas exceções forma a nova literatura um conjunto que chega a assumir aspectos monumentais nos pontos em que se eleva a obra de Basílio da Gama, Gonçalves Dias, Alencar e tantos outros escritores de primeira ordem. (Sales 16 abr. 1897: 1)

Antônio Sales aponta para o trabalho árduo dos escritores que lutaram contra a apatia do público e para a inserção nos grupos de intelectuais, num esforço contí-

nuo para produzir uma literatura de valor e reconhecimento, a partir da fundação das Academias, tanto a Academia Brasileira de Letras quanto as Academias de Letras do Pará e do Ceará. Para ele, a literatura, em detrimento das demais manifestações culturais e artísticas, assumia situação grandiosa diante de nomes que a distinguiam, Como Gonçalves Dias, José de Alencar e Basílio da Gama. E o autor demonstra que a literatura do Extremo Norte era a que estava menos contaminada da politicagem arraigada no Rio de Janeiro: “Essa transcendente floração do pensamento humano talvez logre medrar no solo ubérrimo da Amazônia, que não na safara charneca fluminense invadida pela politicagem e pelo mercantilismo – as ervas daninhas da seara do Ideal”; enquanto os poucos cultivos no Rio de Janeiro eram de “cogumelos da pornografia”, exibidos inclusive nos teatros.

No momento finissecular, o romance naturalista tomava espaço e autores como Figueiredo Pimentel (1869-1914), com os romances *O aborto* (1893); *O terror dos maridos* (1897); *Suicida* (1895) e *Um canalha* (1895); abalaram a sociedade tradicional e até algumas camadas do mundo literário.

É o que recuperamos na correspondência “Da Capital”, quando Antônio Sales, sob o pseudônimo Saltônio, se posiciona a respeito do romance de Figueiredo Pimentel, *O terror dos maridos* (1896), e informa ao leitor que não poderia falar bem do livro, anunciado escandalosamente como “leitura para homens” e, conforme a crítica, o grande problema da obra era o prefácio:

Entretanto, o livro em si não é um trabalho de fancaria pornográfica como dava a entender o tal preconício. O que ele tem de mais até é mesmo sujo é um infeliz prefácio onde intencionalmente o autor se serve de palavras torpes com uma desfaçatez impudente e imperdoável. Conquanto não seja nenhum primor de concepção e de estilo, o livro poderia ser lido sem enfado se não fossem as encenações latrinárias do tal prefácio e as cruezas propositais e inúteis que nele se encontram de quando em quando. (Sales 14 mai. 1897: 1)

O texto do prefácio causava náuseas às pessoas sensíveis, segundo Saltônio; além disso, reiterava que somente o dever de crítico o fez ler o livro “porque ele foi anunciado e o malcheiroso prefácio preveniram-se a tal ponto contra ele que eu o teria atirado à cesta de papéis sujos se não tivesse obrigação de lê-lo até o fim”. Diante de tal apreciação, Antônio Sales se arriscou a ser considerado antiquado, mas para ele, retrocesso maior era levar a cabo uma obra que continha o pior do *zolismo* e foi enfático ao assinalar que “o naturalismo como fez Zola nos seus primeiros tempos está morto, irremediavelmente morto” e “o próprio autor do *Germinal* já arriou bandeiras, escrevendo *La réve*, *Lourdes* e *Rome*. Fosse ele escrever hoje a *Nana* e a crítica o esmagaria sem piedade”.

Contudo, embora Antônio Sales considerasse *O terror dos maridos* resultado dos “lamaçais” do naturalismo zoliano, com rapazes libertinos, velhos frascários e mulheres equívocas, o livro teve boa venda, malgrado a apreciação de ser “Leitura para homens”.

3. DO RIO: A PUBLICAÇÃO DE SERTÃO, DE COELHO NETTO

Como tudo o que nos dá Coelho Netto, o presente livro é escrito num estilo sonoro com todas as exigências da forma e a ação, se bem que não seja vibrante e forte, traduzindo uma emoção poderosa, prende encantadoramente a atenção do leitor que passa da primeira página até a última, com sofreguidão.
(*Jornal do Recife*, 1898)

Em 1897, Coelho Netto (1864-1934) publica o *Sertão*, objeto da correspondência de Manoel Lobato, para *A Província do Pará*. Na missiva, o articulista apresentou o volume e apreciou não ser um romance, mas uma coletânea de contos “admiravelmente emoldurados numa prosa maleável e sonora, vibrante e correta”. O livro *Sertão* era o primeiro volume da Coleção Alva e, de acordo com Manoel Lobato, embora reunisse contos, tratava-se de uma leitura sensível na qual manifestava a vida com assombrosa realidade, o que distinguiu Coelho Netto, quando tratou dos costumes sertanejos, sem esquecer as explosões de raiva:

Trata-se, portanto, de um livro dramático, embora nem tanto ódio o ocupe, como parece se puder depreender do que ficou dito acima.

Mas as dramatizações nascem espontâneas; ora de um remorso a que levou uma ambição desgraçada; ora de um amor conspurcado atizando a vingança, exasperando os sentidos, embriagando-os mesmo; do desespero de uma pobre mãe cega, viúva que não pode ajudar a filha nas dores de criminosa maternidade; e ainda do cumprimento fiel de uma promessa que traz o sacrifício da própria vida à esposa desditosa e dedicada. Não nasce da descrição baixa e vil da união sexual que explora os instintos libidinosos de cada um, fazendo gastos de deboches crus, cheirando a estúpida sensualidade do homem tornado besta e nada mais...

O livro do Coelho Netto é imensamente verdadeiro, por isso é imensamente belo (*rien n'est beau que le vrai*, Boileau) e sendo imensamente belo, seguindo o pensar do insigne Flaubert no prefácio do livro *Des vers*, de Maupassant, é imensamente moral: “– Tudo que é belo é moral”. (Lobato 7 de mar. 1897: 1)

Manoel Lobato acentua a moralidade na obra para diferenciá-lo dos “escritores de fancaria”, aqueles não interessados numa obra proveitosa, e deste modo, pondera se os resultados desse tipo de literatura [de fancaria] eram positivos; inclusive, poderia dizer que o conto, “A Praga” era uma página “crua” e talvez “indecente”, mas faria isso com “nojo infundado, se não abominável”. De certa maneira, ao analisar cada prosa, desejava mostrar o diferencial de Coelho Netto, na inclusão de cenas em pontos fundamentais da história narrada e não de forma gratuita.

Assim como nos contos “A Praga” e “Tapéra” também havia uma cena de adultério, considerada importante para o estudo da psicologia do homem, fato cuja manifestação mostrou “Coelho Netto um realista como devem ser os realistas, sem as

formas desavergonhadas de algumas páginas de Zola”, aproximando-se de “Maupassant na sua elegância da ideia, dos Goncourts, no fulgor da frase artística, e de Zola, do *forgerm*, nas sinceridades das descrições, no dramático da encenação vigorosa e impressionadora”. No entanto, reconhecia em Coelho Netto um escritor vibrante e correto.

Poucos dias depois do ensaio de Lobato, *A Província do Pará* informou que recebeu do Dr. Enéas Martins, o livro *Sertão* oferecido por Coelho Netto. Segundo os editores, um “livro como o *Sertão*, destinado a ficar onde pompeia a alta competência do escritor que o pensou, não necessita de reclame, não carece preconício para ser recomendado à leitura do público: o nome de Coelho Netto é uma garantia segura de sua excelência e beleza”.

No ano de 1899, entre julho e agosto, Coelho Netto esteve em Belém, o que foi assunto nos jornais, sobre a importância do escritor para as letras, os detalhes da recepção, os saraus, os discursos literários, a conferência pública no Teatro da Paz a respeito do nacionalismo da arte, bem como as homenagens. A presença do escritor no Pará aqueceu os ânimos dos literatos paraenses, que o reconheciam como uma celebridade.

4. CORRESPONDÊNCIAS “DO CEARÁ”

Fica organizada, nesta cidade de Fortaleza, capital da Terra da Luz, antigo Siará Grande, uma sociedade de rapazes de Letras e Artes denominada — Padaria Espiritual, cujo fim é fornecer pão de espírito aos sócios em particular e aos povos em geral.
(*O Pão*, jornal da Padaria Espiritual, 1892)

Na coluna “Do Ceará” veio a pena exclusiva de Sabino Batista, defensor da produção lírica, considerando-a área esquecida nas letras brasileiras e ao tratar da prosa, voltava-se para o escritor Rodolfo Teófilo (1853-1932), sem poupar os louvores. Sua atenção, sobretudo, foi aos poetas brasileiros e aos livros recém lançados no período, especialmente às obras discutidas nas reuniões da *Padaria Espiritual*.

Sabino Batista, era membro da *Padaria Espiritual* (1892-1898) e, assim como Antônio Sales, correspondia-se com *A Província do Pará* com o pseudônimo Sabas e seus ensaios tratavam principalmente da literatura produzida no Ceará, entre os anos de 1897 e 1898. Foi ele quem compartilhou com os leitores paraenses os escritos sobre os mais variados assuntos, principalmente aqueles que remetia à vida literária do Norte e Nordeste no final do século, com reflexões sobre a produção de importantes nomes das letras brasileiras; como Rodolfo Teófilo, Temístocles Machado, Raimundo Correa (1859-1911), Luiz Guimarães (1845-1898), Olavo Bilac (1865-1918) e Coelho Netto.

Diante dessas produções, constata-se sua preocupação com a importância dada à lírica, quando a considera em plano secundário, obscuro e os poetas mudos,

submergidos pela política e pelas lutas cotidianas, fatos desencadeadores de desânimo à inspiração e ao estímulo dos escritores. Para o crítico, os novos poetas que ousavam divulgar suas composições não ultrapassavam a “meta da vulgaridade comum”. A fim de ilustrar sua afirmação, cita a obra de Temístocles Machado, *Mirtos* (1897) – prefaciada por Valentim de Magalhães (1859-1903). A expectativa de Sabino Batista ao receber a obra era encontrar um livro “feito com mais talento e arte”, resistente à crítica imparcial e severa; no entanto, diante do conteúdo, avaliou quão devastadora seria uma análise mais profunda:

Admira mesmo como o sr. Th. Machado manejando o verso com facilidade, com desembaraço espontâneo, fazendo trocadilhos bem-feitos, dedilhando a lira com suavidade e harmonia, produz um livro tão monótono e medíocre, digno somente de um principiante bisonho que ensaia os primeiros passos na Poesia. *Mirtos* é um amontoado de velharias, de coisas passadas e já decantadas por quanto verzejador sentimental, por quanto trovador piegas. E é o próprio sr. Valentim de Magalhães que afirma tudo isto na sua carta-prefácio. (Batista 20 dez. 1897: 1)

A dura crítica de Sabino Batista reiterou a impressão de efemeridade deixada no espírito do leitor e observa as qualificações interpostas por Valentim Magalhães ao prefaciá-la e considerar o poeta ainda incompleto, tímido, com imperfeição na forma e vocabulário; características com as quais o crítico concordava, aferindo não encontrar na obra uma originalidade, pois a feição dada à poesia era uma leitura de outros poetas e não um trabalho próprio do autor cearense. Com a finalidade de apontar tais aspectos externos, Sabino compara a obra com as composições de Cruz e Souza (1861-1898), Fagundes Varela (1841-1875) e Adolfo Araújo (1872-1915), como espelhos na forma e na ideia.

Além de Temístocles Machado, Hermeto Lima (1875-1947) e sua obra *Estalagmites* (1898), também renderam assunto para Sabino Batista, sempre rigoroso acerca da qualidade da obra, composta de trinta sonetos e com edição luxuosa:

Como a obra de arte é, porém, as *Estalagmites*, um livro defeituoso e fraco, predicados quase sempre comuns à maioria das estreias. No sr. Hermeto Lima, a quem faltam idade e reflexão, não estão ainda acentuadas as verdadeiras tendências artísticas, o particular modo de expressão, concorrendo isto poderosamente para que os seus passos sejam vacilantes e incertos, sem a firmeza e o *savoir faire* do profissional perito. Não obstante a espontaneidade de seu verso, ressentem-se ele de frequentes senões, embora desculpáveis por se tratar de um estreante.

Não suponha, porém, o leitor que o livro do sr. Hermeto Lima seja destituído de valor e de atrativos.

Há nele o germe de um poeta, e através da leitura sente-se a pulsação de uma alma entusiástica, para quem há um largo futuro a descortinar.

A originalidade própria, a clareza das imagens, a largueza do estilo e a sobriedade da forma, predicados que nele não estão ainda bem acentuados, hão de ser adquiridos mais tarde, com um pouco de estudo e a convivência dos bons autores. (Sabas 5 jun. 1898: 1)

Outros poetas foram alvo da avaliação austera de Sabino Batista, como: Afonso Celso (1860-1938) e Padre Correa de Almeida (1820-1905), autores de *Da Imitação de Cristo* (1903) e *Puerilidades de um macróbio* (1898), respectivamente. A obra *Da Imitação de Cristo* foi reputada como primoroso trabalho de tradução, mesmo considerando-a intraduzível e no tocante ao Padre Correa de Almeida, com seu 15º livro, conhecido pelas composições satíricas de pena galhofeira, ponderou: “É um livro que tem a graça e chiste e que, apesar da sua mordacidade e da sua ironia ferina, não contém um ataque pessoal, uma alusão agressiva contra quem quer que seja” (Batista, 23 set. 1898, p. 1), mas sua preferência se dá por temáticas voltadas para os vícios e costumes da sociedade da época e críticas aos defeitos e erros frequentes.

No que tange à prosa, Sabino Batista é afeito à obra de Rodolfo Teófilo e em artigo de maio de 1898 discorre a respeito de uma produção cujo objetivo foi criticar o governo cearense frente à falta de consideração com os escritores daquele estado. Mas é referente a um romance ainda em elaboração, *O seringueiro* (primeiro título do romance *O Paroara*), que fez a assertiva:

É um romance de largo fôlego, modelado nos opulentos moldes dos *Brilhantes*, da *Fome* e da *Maria Rita*, escrito com a mesma sobriedade de imaginação nos menores detalhes, com a mesma tendência nativista em todos os seus cenários – sendo para notar a forma muito mais cuidada e o estilo muito mais correto. Intitula-se *O seringueiro* e é a história mais autêntica de um sertanejo cearense, aventureiro e audaz, que, à semelhança de tantos outros seus irmãos, foi tentar fortuna nesse fabuloso *El dourado*, nesse fantástico Velocino de Ouro chamado Amazonas. João das Neves é o nome do herói, cuja existência começa a ser fotografada no romance de Rodolfo Teófilo desde os primeiros alvares de sua acidentada juventude na grande seca de 1877. (Sabas 13 mai. 1898: 1)

O romance teve seus primeiros capítulos lidos numa reunião da *Padaria Espiritual* e de acordo com o crítico, o trabalho de Rodolfo Teófilo, definido como romance de costumes indígenas, trazia o renome do autor advindo das obras publicadas, e “produto de um talento vigoroso e forte, de uma imaginação ardente e poderosa, vai ele ser incontestavelmente mais um padrão de glória para a simpática individualidade do operoso romancista cearense, hoje lido e aplaudido pelo Brasil inteiro” (Sabas 13 mai. 1898: 1).

Sabino Batista considerava Rodolfo Teófilo um autor considerável, pois além da produção do romance, produziu dois livros de versos, outro de crítica e uma coletânea de contos à espera da publicação, na época: “Como veem os leitores d’ *A Província*, Rodolfo Teófilo sabe empregar perfeitamente o seu tempo, confraternizando as obrigações de preceptor e farmacêutico perito às de um escritor fecundo” e “sabe

apanhar com fidelidade rara os assuntos e costumes nativos para reproduzi-los nas páginas imorredouras de seus livros” (Sabas 13 mai. 1898: 1).

A *Província* foi o primeiro jornal a publicar trechos do conto inédito de Rodolfo Teófilo e, após o trecho divulgado, o crítico assinalou a disponibilidade da narrativa em poucos dias para venda com grande consignação às livrarias do Pará, com preço a 3 mil réis:

Os leitores paraenses que, como sem dúvida, têm acompanhado a brilhante carreira literária do incansável escritor cearense, que com interesse lhe têm lido os romances sempre cheios de cor local e de costumes indígenas, como sejam *A fome*, *Os brilhantes* e *Maria Rita*, de certo ficarão curiosos por conhecer *Violação*, a sua mais bem trabalhada produção no conceito de alguns competentes. Aguardem-se, portanto, para saboreá-la nesses breves dias, convicto de que não perderão os cobres e nem o tempo aqueles que comprá-la e lê-la com interesse e atenção. (Sabas 18 ago. 1898: 1)

Sabino Batista foi o responsável pelo destaque de Rodolfo Teófilo entre os leitores paraenses e, dessa forma, a relação entre os Estados brasileiros revela o trânsito das obras e as relações entre os proprietários de jornais, como facilitadores para o insulamento de ideias. A correspondência de crítica literária de Sabino Batista para *A Província do Pará* foi relevante para o movimento de ideias na discussão da literatura brasileira e no fortalecimento e resistência da literatura regional – tanto do Norte como do Nordeste.

5. AINDA RODOLFO TEÓFILO...

A vida no norte do Brasil tem cunho diverso da do Sul. Tradições, hábitos, índole, meios de subsistência constituíram uma sociedade com feições diferentes.
(Franklin Távora. *O Globo*, 1876)

Entre os anos de 1895 e 1899, Rodolfo Teófilo esteve nas páginas do jornal paraense constantemente, quer fosse em notas literárias ou artigos críticos e em meio às correspondências advindas do Ceará, recuperamos o artigo “O nacionalismo da arte”, de Arthur Teófilo, escrito com exclusividade para o jornal paraense e toma como análise *Maria Rita* (1897); e a correspondência de Ulysses Bezerra sobre *O Paroara* (1899).

Arthur Teófilo, irmão de Rodolfo Teófilo, iniciou a produção com atenção aos “maus frutos” produzidos pela escola decadentista no Brasil, para a qual, a despeito dos muitos discípulos, não conseguiu destruir o alicerce do naturalismo realista presente. Ele relembra as obras de Aluísio de Azevedo, Júlio Ribeiro e Figueiredo Pimentel para destacar a ausência do elemento nativista, e a predominância à imitação fotográfica dos processos naturalistas; assim, “a mesquinhez da imitação matava a

inspiração dos artistas latinos da América, tão propensos às divagações metafísicas e tão desajeitadas para lucubrações de análise positiva”:

Hoje, felizmente, alguns dos nossos romancistas compreendendo melhor o que seja, sob o ponto de vista da Arte, a transplantação de uma dada escola literária para diverso meio, especialmente de uma escola cujo campo de atividade se limita ao próprio meio, como a do naturalismo. E o sr. Rodolfo Teófilo, com a publicação do seu recente romance *Maria Rita*, pôs-se, por uma admirável previsão estética, na vanguarda do movimento de nacionalização que se vai manifestando – e se avigorará de certo – no seio das letras indígenas. (Teófilo 25 mar. 1898: 1)

Para o crítico, o romancista deve ser fiel à estética, saber adaptá-la ao meio e, diante disso, observa as afirmações sobre não haver no Brasil uma “literatura original”, que só viria a ser desenvolvida quando os três elementos formadores da nação – o indígena, o negro e o português – tivessem assimilados em um sentimento próprio uma literatura característica. Conquanto concordasse com tais afirmações, Arthur Teófilo foi enfático ao confirmar a existência desse indivíduo homogêneo, ainda não concebido, pois aferia que os intelectuais brasileiros deveriam transportar para o romance o caráter, a afetividade e as tendências do indivíduo pátrio, sem artificialidades nocivas.

O nacionalismo da arte era demonstrado pelo romance, drama ou verso, exatamente como fez o Rodolfo Teófilo no romance *Maria Rita*, considerado pelo crítico como a obra que propagandeava o nacionalismo:

O romance do sr. Rodolfo Teófilo, como disse, inicia com brilhantismo a propaganda do nacionalismo. Há no livro cenas que são nossas, do nosso povo, como a farinhada, o pombal, a corrida dos vaqueiros, e até mesmo a do defumador...

No conjunto o romance tem vida, bulício, movimentação coordenada e forte, e, durante a narração, descobrem-se criaturas que estamos acostumados a ver diariamente, vivendo, agindo, movendo-se, enfim, no engenhoso enredo do livro, numa feliz e natural disposição.

O estilo do autor mesmo – descurado sob o ponto de vista do purismo clássico – é um belo espécime da nossa linguagem, do nosso *argot*, que o autor não estudou por certo, mas que sabe transportar para o papel com habilidade de mestre, sem *parti pris*, naturalmente.

Nesse romance do escritor cearense não há artifício, a narração corre espontaneamente, cheia de intensa inspiração, cortado de peripécias locais, sugestivo e atraente ao ponto de arrastar até a última página, irresistivelmente, a curiosidade do leitor. (Teófilo 25 mar. 1898: 1)

No entanto, se como divulgação nacional *Maria Rita* era brilhante, na análise formal, o crítico identificava problemas com a forma, por vezes descuidada, mas perdoá-

vel; sendo uma vítima da escrita impulsiva sem a perfeição da Arte. Rodolfo Teófilo de inspiração alucinada “matou a gravidade e a calma necessária ao bom escritor”, não era um defeito, pois conseguiu explorar os assuntos nacionais numa “bela crônica colonial”, sem imitar ou dar apreço às produções estrangeiras.

Quando da publicação de *O Paroara*, Ulysses Bezerra escreveu na coluna “Do Ceará”, uma correspondência sobre o romance, concluído em junho de 1899. A análise aponta o sofrimento de Rodolfo Teófilo diante da indiferença do público:

Rodolfo, pertinaz trabalhador que não se abate ante o indiferentismo desse público que pouco lê e que dá pouco apreço às obras literárias, vai levando de vencida tudo o que lhe estorva o passo na carreira para a qual se sente atraído por uma vocação pronunciada.

São bem raros os homens que trabalham pelo levantamento do nível moral e intelectual dessa terra, onde os melhores talentos são absorvidos pela política. (Bezerra 15 jun. 1899: 1)

Por essa razão, Ulysses Bezerra considerava as associações de grande importância para os jovens, pois funcionavam como estímulo aos moços interessados nas letras. As palavras do correspondente da *Província* estiveram de acordo com os demais críticos sobre a obra de Rodolfo Teófilo, pois o identificavam fora do centro intelectual do país, com romances ambientados no meio em que ele estava inserido, na busca por afirmação.

Somado a Sabino Batista, Arthur Teófilo e Antônio Sales, está Araripe Junior, participante dessas trocas na imprensa periódica entre as regiões, resultado de um fator de colaboração para a materialização dos grêmios e academias literárias e fortes estimulantes para a produção literária nas localidades afastadas do Rio de Janeiro.

6. ARREIMATE DOS MALES

[P]ara o futuro, quando a Literatura do Norte for uma verdade incontestável, a unanimidade aclamará o nome do seu iniciador. (Revista da *Fraternidade Literária*, São Paulo, 1878)

A História Literária foi consagrada por estudiosos que a descreveram à luz do modelo europeu, cristalizado em torno do conceito de Literatura ocidental. Uma história de homens brancos, dominadores e elitizados, na maioria das vezes. Essa mesma história se construiu em nichos de intelectuais, geralmente estabelecidos às rodas dos cafés na capital Rio de Janeiro.

Nas demais províncias, estabeleceu-se o diálogo entre nomes que pouco são referidos na atualidade, mas que foram agentes na composição da cena literária do século XIX, ao redor da qual se formaram as associações, palco de discussões e promoções futuras de nomes, para a posteridade.

A despeito desses círculos, ficaram de fora as escritoras femininas e os que residiam distante do centro protagonista do comércio livreiro. Nos dias atuais, podemos cogitar que nomes como Antônio Sales, Rodolfo Teófilo, Valentim Magalhães e até Coelho Neto sejam referidos nas aulas de Literatura.

Contudo, não obstante a desatenção e indiferença da crítica, cabe aos estudiosos recuperar parte da historiografia negligenciada, o que só é possível, graças à imersão nas fontes primárias e no reconhecimento desses fatos como contribuintes para uma releitura da História literária.

Só o retorno aos jornais e revistas da época permite a revisão dos conceitos asentados por séculos a fio e é na releitura das fontes que está a possibilidade de reconsiderar o cânone estabelecido, para revisar as lacunas na história da literatura e assim contribuir para a “consolidação da intelectualidade nacional”, nas palavras de Antônio Sales e reconhecer os talentos em seu devido merecimento.

OBRAS CITADAS

- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.
- BATISTA, Sabino. Mirtos, de Temístocles Machado. *A Província do Pará*. Belém: Tipografia da Província do Pará, 20 de dezembro de 1897.
- BATISTA, Sabino (Sabas). Do Ceará: sobre Rodolfo Teófilo. *A Província do Pará*. Belém: Tipografia da Província do Pará, 13 de maio de 1898.
- BATISTA, Sabino (Sabas). Sobre Estalagmites. *A Província do Pará*. Belém: Tipografia da Província do Pará, 05 de junho de 1898.
- BATISTA, Sabino (Sabas). Do Ceará: nota sobre o conto Violação. *A Província do Pará*. Belém: Tipografia da Província do Pará, 18 de agosto de 1898.
- BEZERRA, Ulysses. Do Ceará: Rodolfo Teófilo. *A Província do Pará*. Belém: Tipografia da Província do Pará, 15 de junho de 1899.
- BORDINI, Maria da Glória. A metarrealidade do sentido e o estatuto da obra literária em O senhor embaixador de Érico Veríssimo. Regina Zilberman et al. *As pedras e o arco – fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Humanitas e Editora UFMG, 2004. 199-175.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Páginas antigas: uma introdução à leitura dos jornais paraenses, 1822-1922. *Margens*, Belém, v. 2, n. 3, p. 245-266, mai. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v2i3.3040>.
- LOBATO, Manoel. Sertão: contos de Coelho Netto. *A Província do Pará*. Belém: Tipografia da Província do Pará 7 de março 1897.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- ROCQUE, Carlos. *História de A Província do Pará*. Belém: Mitograph, 1976.
- SALES, Antonio. A vida literária. *A Província do Pará*. Belém: Tipografia da Província do Pará, 16 de abril de 1897.
- SALES, Antonio. Da Capital: O terror dos maridos. *A Província do Pará*. Belém:

Tipografia da Província do Pará, 14 de maio de 1897.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *A Crítica Literária no Brasil Oitocentista: um panorama*. Rogério Cordeiro et al., orgs. *A Crítica Literária Brasileira em Perspectiva*. Cotia: Ateliê, 2013. 13-27.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

TEÓFILO, Arthur. O nacionalismo da arte. *A Província do Pará*. Belém: Tipografia da Província do Pará, 25 de março de 1898.